

Contribuinte n.º 902265094  
 Depósito legal n.º 45458/91  
 Registo ICS n.º 114410  
 E-mail publico@publico.pt Lisboa  
 Rua de Viriato, 13 - 1069-315 Lisboa  
 Tel.: 210110000 (PPCA); Fax: Dir.  
 Empresa 21011015; Dir. Editorial  
 21011006; Agenda 21011007;  
 Redacção 21011016; Publicidade  
 21011013/21011014 Porto Rua de João de  
 Barros, 265 - 4150-414; Tel. 226151000  
 (PPCA) / 226103214; Fax: Redacção

226151099 / 226102213; Publicidade,  
 Distribuição 226103101 Coimbra  
 Rua do Corpo de Deus, 3. 2.º - 3000-  
 176 Coimbra; Tel.: 239829554; Fax:  
 239829648 Madeira; Tel.: 934250100;  
 Fax: 707100049 Proprietário PÚBLICO,  
 Comunicação Social, SA Sede: Rua  
 de João de Barros, 265, 4150 Porto  
 Impressão Unipress; Travessa de  
 Anselmo Brancamp, 220, Arcoselo/4405,  
 Valadares; Tel.: 227537030; Mirandela  
 - Rua de Rodrigues Faria, 103, 1300

Lisboa; Tel.: 213613400; Fax: 213613469  
 Distribuição Logista Portugal  
 - Distribuição de Publicações, SA  
 Lisboa; Tel.: 219267800; Fax: 219267866;  
 Porto; Tel.: 227169600/1; Fax: 227162123;  
 Algarve; Tel.: 289363380; Fax:  
 289363388; Coimbra; Tel.: 239980350;  
 Fax: 239983605. Assinaturas 018.200095  
 Tiragem média total de Outubro  
 56.987 exemplares  
 Membro da APCT - Associação  
 Portuguesa do Controlo de Tráfego

Cresce a ideia perniciosa de que os militares são inúteis em Portugal

## Os militares na sociedade portuguesa

Lembrando que a Costa Rica vive há 60 anos sem Exército e sem ameaças de golpe de Estado, Manuel António Pina escreveu no *Jornal de Notícias* do passado dia 5: "Talvez seja altura de também nós repensarmos para que precisamos hoje de Forças Armadas" (FA). Dois dias depois, no PÚBLICO, José Miguel Júdice lembrava a sua tese de que "o Exército e a Força Aérea seriam dispensáveis, mantendo-se apenas uma guarda costeira, uma força de intervenção rápida, forças militarizadas e de segurança e meia dúzia de oficiais generais".

Tratando-se de dois destacados comentadores, estas posições merecem atenção. Surgem de uma certa irritação com as reivindicações corporativas dos militares. É que estas envolvem ameaças implícitas de empregar armas para impor as suas exigências, o que só militares podem (mas não devem) fazer.

O problema, porém, ultrapassa a esfera reivindicativa. Estou convencido, e já o tenho dito, de que num eventual referendo sobre as FA uma grande percentagem de portugueses, porventura maioritária, optaria pela sua inutilidade, preferindo uma situação do tipo da Costa Rica.

Os militares perderam peso na sociedade portuguesa. O século XIX e boa parte do século XX estiveram cheios de golpes e intencões militares. O 25 de Abril, tal como o 28 de Maio de 1926, foi obra de militares. Com a diferença de que o 25 de Abril trouxe a democracia e, com ela, a subordinação do poder militar ao poder político eleito. Por isso os militares, tendo mandado no país desde 1974 até à extinção do Conselho da Revolução (na revisão constitucional de 1982), saíram do palco e regressaram aos quartéis. E a entrada de Portugal na Europa comunitária em 1986 afastou, felizmente, a hipótese de novos golpes militares para derrubar governos ou o próprio regime.

Entretanto, um exército numeroso, formado com vista à guerra colonial, foi-se reconvertendo num corpo mais reduzido e um pouco mais bem equipado em armamento moderno. E do serviço militar obrigatório passou-se a



**Francisco Sarsfield Cabral**

Forças Armadas profissionais, como aconteceu em tantos outros países. Excepto a nível dos oficiais (onde ainda se faz sentir a herança do passado), não há gente a mais nas FA, ao contrário do que diz J. M. Júdice. Há gente a menos, pois o número de candidatos à profissão militar tem ficado sistematicamente abaixo dos objetivos.

A passagem à profissionalização contribuiu para que a condição militar passasse a ser encarada como um emprego igual aos outros. E não se vislumbra qualquer ameaça militar a Portugal. Para que servem, então, as FA? A opinião pública começa a achar que servem para pouco ou nada. Esta desvalorização dos militares reflecte-se nas suas remunerações, que vão ficando para trás das de outros servidores do Estado. E também se reflecte nas insuficiências de equipamento das FA.

É grave a crescente incompreensão do papel dos militares num Portugal democrático. Nenhuma instituição como a militar simboliza e assume a identidade nacional. As FA constituem o último recurso do Estado quando tudo o resto falha. E, hoje, a afirmação de Portugal no mundo depende muito das missões no estrangeiro, em conjunto com militares de outros países.

Em tempo de integração europeia e de globalização, as FA não deixam de ser um garante de soberania - ainda que, muitas vezes, exercida em comum com os nossos parceiros. Acresce que, como recentemente lembrou Manuel de Lucena na Renascença, a "era Obama" vai exigir um maior empenhamento militar por parte dos aliados dos Estados Unidos.

Torna-se, assim, lamentável a desvalorização da condição militar na sociedade portuguesa. Esta não é uma profissão como as outras, pois envolve riscos e impõe restrições de direitos a que as demais profissões não estão sujeitas. Os políticos são os primeiros responsáveis pela desvalorização dos militares, com excepção dos presidentes da República (nomeadamente do actual), talvez por serem comandantes supremos das FA. Tirando um ou outro discurso de circunstância, não se vê da parte



CARLOS LOPES/ARQUIVO

**Não se vê qualquer empenho dos governos e dos partidos numa pedagogia sobre o papel e a importância nacional das FA**

dos governos e dos partidos qualquer empenho numa pedagogia sobre o papel e a importância nacional das FA. Assim, não é de espantar que em influentes comentários e na opinião pública comece a crescer a ideia de que os militares apenas servem para gastar dinheiro dos contribuintes e arranjar sarilhos. Uma ideia perniciosa, que importa contrariar. *Jornalista (francisco.sarsfieldcabral@gmail.com)*

Obama tem o privilégio de oferecer ao mundo um momento glorioso de hegemonia do bem. Só por isso, ficará na história

## A hegemonia do bem?

A eleição do Presidente Obama é um acontecimento de global e transcendente importância para todos os que acreditam na possibilidade de um mundo melhor. Nos últimos quinze anos, dois outros acontecimentos adquiriram esta mágica qualidade: a eleição de Nelson Mandela como Presidente da África do Sul em 1994 e os quinze milhões de cidadãos que, por todo o mundo, saíram à rua em 15 de Fevereiro de 2003 para protestar contra a invasão do Iraque. Muito distintos entre si, estes três acontecimentos têm em comum uma concepção pós-nacionalista do mundo. O mundo é a cidade natal da esperança e o que acontece num país diz respeito a todos os demais. Partilham também o serem testemunho da inesgotável criatividade da espécie humana, para o melhor e para o pior. Os três acontecimentos foram considerados impossíveis quase até ao momento de nos baterem à porta. Partilham ainda a capacidade mágica dos seres humanos de celebrarem incondicionalmente a magia dos momentos de comunhão liberta dos constrangimentos da realidade, como se esta tivesse saído para almoçar e ainda não tivesse regressado.

Mas a relação entre a vitória de Obama e os dois outros acontecimentos é ainda mais profunda. Obama e Mandela são dois homens com fortes raízes em África e orgulhosos das suas raízes. Mandela é, além de tudo, um líder de linhagem nobre Xhosa e Obama é membro da etnia Lou do Quênia (uma etnia discriminada antes e depois da independência), como refere com naturalidade no seu livro *bestseller*. As suas identidades foram tecidas pela memória do sofrimento injusto, da segregação, do colonialismo. Mandela simboliza o caso extremo de uma maioria submetida a um cruel sistema da *apartheid* durante décadas. Obama, apesar de não ser ele mesmo descendente de escravos, simboliza o resgate do inominável sofrimento que

foi infligido aos afro-americanos, um sofrimento tão naturalizado pelos opressores que continuou até aos nossos dias sob a forma do racismo. Para além do voto dos brancos, Obama conquistou o voto esmagador dos cidadãos afro-descendentes e latino-descendentes e conquistou ainda o voto de uma minoria quase esquecida, os jovens. A sua vitória é a vitória das minorias quando estas descobrem que, unidas, são a maioria. Nos últimos quinze anos, a África mostra-se ao mundo nos ombros destes dois gigantes e assim responde: Basta! aos insultos do Banco Mundial e do FMI, para quem a África é o continente infeliz onde o capitalismo global decidiu depositar multidões de seres humanos considerados descartáveis. Por uma via muito própria - selada no seu passado colonial -, a África chega ao protagonismo mundial que nas duas últimas décadas conquistaram a Ásia e a América Latina (que também é afro-latina e indo-latina)

A relação entre a vitória de Obama e os milhões em protesto contra a guerra ilegal e injusta contra o Iraque não é menos relevante. As multidões em protesto não conseguiram impedir a guerra, tal como aconteceu com o senador Obama, um dos poucos que votaram contra a guerra. Mas agora, como Presidente dos EUA, tem nas suas mãos a possibilidade de pôr fim a essa guerra e, aliás, foi isso mesmo que prometeu aos seus eleitores. Os que votaram nele querem aliás que ele ponha fim à guerra gémea que avassala o Afeganistão. Neste domínio, o seu estado de graça será curto, tanto no país como no mundo. O Afeganistão tem uma memória e uma história exaltantes de lutas vitoriosas contra invasores estrangeiros bem mais poderosos militarmente. Não há armas que verquem este país. Tudo indica que Obama privilegiará a diplomacia e que entenderá que a Al-Qaeda não pode ser destruída militarmente. Pode, isso sim, ser isolada



**Boaventura de Sousa Santos**

pela paz e pela cooperação não colonialista. A vitória de Obama significa que, afinal, os protestantes não protestaram em vão.

A menção conjunta de três acontecimentos que visam devolver a humanidade ao melhor de si mesma pode ser surpreendente já que a vitória de Obama parece ter um significado global incomparavelmente superior aos dos outros dois. Este desequilíbrio é o resultado do privilégio hegemónico dos EUA no mundo de hoje, um privilégio em declínio, sobretudo no domínio económico, mas por enquanto muito forte. Para o bem e para o mal. O 11 de Setembro "transformou o mundo" quando outras populações do mundo sofrem anualmente ataques tão injustos, tão criminosos e muitas vezes mais devastadores do que o ataque às Torres Gémeas, sem que isso mereça mais do que uma pequena referência noticiosa. Da mesma forma, um pequeno país, o Paraguai, elegeu, em 2008, um bispo, teólogo da libertação, para libertar o país da mais odiosa oligarquia, sem que tal merecesse referência detalhada na imprensa internacional.

Obama tem esse privilégio de oferecer ao mundo inteiro um momento glorioso de hegemonia do bem. Só por isso, ficará na história. Esse momento não durará muito. A realidade não costuma demorar muito quando sai para almoçar. Quando terminar, tudo vai depender do modo como o impulso do bem enfrentar o do mal. E tudo vai começar nos EUA, um país contraditório e sofrido. Contraditório, porque é o mesmo povo que há oito anos "elegeu" W. Bush, o pior Presidente da história dos EUA. Sofrido, porque a estupidez, a avareza e a corrupção que dominaram a Casa Branca deixaram o país à beira da falência financeira e moral. Esta última foi rapidamente resgatada por Obama. A primeira será muito mais difícil de resgatar. *Professor universitário (http://www.boaventuradesousasantos.pt)*